

Luís de Camões: *Os Lusíadas*

Os Lusíadas é o título de uma obra única, na qual são celebrados os feitos dos portugueses. Pela sua grandeza, este poema narrativo imortaliza o seu autor, Luís de Camões, bem como os acontecimentos e os heróis que ele cantou.

BIOGRAFIA

Luís Vaz de Camões (1524/5-1580)

Muitas são as incertezas e vários os episódios lendários que envolvem a figura de Camões. Poderá ter nascido numa família da pequena nobreza, de poucos recursos. É possível que tenha estudado no Mosteiro de Santa Cruz, sendo pouco provável que tenha frequentado a Universidade. Em 1550, viveu em Lisboa, frequentando a corte e outros meios aristocráticos e, ao mesmo tempo, levando uma vida boémia e de rixas pelas ruas da cidade. Nesse período, tomou parte numa expedição militar a Ceuta onde terá perdido um olho. Em 1552 feriu numa desordem Gonçalo Borges, que seria um funcionário do Paço, e foi preso. Saiu do cárcere por perdão régio e com um possível compromisso de embarcar para a Índia.

Permaneceu até 1567 no Oriente, onde não levou vida abonada e onde sofreu alguns infortúnios como a prisão e um naufrágio. Residiu em Goa e foi amigo do vice-rei D. Francisco Coutinho. Esteve também em Macau. Por terras do Índico iniciou a composição d'*Os Lusíadas*. De regresso a Portugal, ficou em Moçambique mais de um ano por não ter meios para pagar a viagem para a Pátria. Chegou a Lisboa em 1569. Publicou *Os Lusíadas* em 1572 e sempre lamentou ter perdido o manuscrito com a sua poesia lírica, a que pensava dar o título de *Parnaso lusitano*. O rei D. Sebastião concedeu-lhe uma tença pelo poema épico. No entanto, a sua vida desregrada não lhe permitiu viver confortavelmente. Morreu na miséria no dia 10 de junho de 1580.



Luís de Camões.



Frontispício da edição de 1572 d'*Os Lusíadas*.

Os Lusíadas: o género e o tema

A obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, é um poema épico, uma epopeia. Uma epopeia é um texto narrativo que celebra e enaltece os feitos de um herói. As civilizações grega e romana produziram poemas épicos.

O grego Homero compôs a *Ilíada*, sobre a guerra de Tróia, e a *Odisseia*, sobre a viagem de Ulisses de Tróia até à sua pátria. Virgílio, poeta romano, escreveu a *Eneida*, uma epopeia sobre a fundação da cidade de Roma pelo herói troiano Eneias. Qualquer um destes poemas enaltecia as virtudes destes heróis, que pertenciam ao domínio do mito.

No Renascimento, os portugueses realizam a proeza das Descobertas marítimas, que, pela sua dimensão, se propiciam a ser matéria para uma epopeia. Vários humanistas, como João de Barros, Diogo de Teive e António Ferreira, incitam os poetas portugueses a comporem um poema épico sobre o assunto.

É Camões que concretiza a ideia, usando como modelo as epopeias clássicas, sobretudo a *Eneida*. O Poeta segue as regras do género: uma epopeia deve ter como heróis personagens de condição superior, deve celebrar os feitos em tom elevado e deve apresentar figuras da mitologia. Ao cumprir as regras do género épico, a obra decalca a estrutura e os motivos dos modelos clássicos. O próprio estilo d'*Os Lusíadas* é devedor destes modelos: trata-se de um estilo erudito, marcado pelo vocabulário e pela construção frásica de cariz latino.

Camões imita estes modelos épicos numa tentativa de os superar, compondo um poema ainda mais grandioso. O seu assunto diverge dos que foram cantados por Homero e Virgílio, porque Camões partiu de factos históricos e não de mitos. O Poeta canta

as ações heróicas do povo português e, mais concretamente, os Descobrimentos. Para ação principal, seleciona a viagem marítima de Vasco da Gama à Índia. No entanto, todo o passado histórico de Portugal é relatado e engrandecido.

Estrutura e ação d'*Os Lusíadas*

Quanto à estrutura externa, a estrutura formal, o poema *Os Lusíadas* encontra-se organizado em dez cantos, constituídos por oitavas (estrofes de oito versos) de decassílabos heróicos (versos de dez sílabas, acentuados na sexta e na décima). O esquema rimático das estrofes é *abababcc*.

No que diz respeito à estrutura interna, que está relacionada com o conteúdo da obra, o poema divide-se em quatro partes:

- **Proposição** (I, 1-3), em que se anuncia o tema que será tratado. O Poeta celebrará os feitos admiráveis dos portugueses e aqueles que os realizaram: navegadores, reis ou outras personalidades que se imortalizaram — príncipes, guerreiros, escritores, homens de ciência, etc.
- **Invocação** (I, 4,5), em que o Poeta pede inspiração às ninfas do Tejo, as Tágides, para compor a epopeia. Estas divindades voltarão a ser invocadas ainda em outras partes do poema.
- **Dedicatória** (I, 6-18), em que o Poeta dedica *Os Lusíadas* a D. Sebastião e o incita a realizar grandes feitos em nome de Portugal.
- **Narração** (o resto da obra), em que se relata a ação do poema: a viagem de Vasco da Gama à Índia e a história de Portugal até ao reinado de D. Manuel. A narração é, portanto, a parte principal do poema, cujo enredo se revela algo complexo. Nele se entrelaçam três linhas de ação, três planos narrativos, com personagens distintas. Os planos narrativos são:
 - **O plano da Viagem:** corresponde à ação principal da epopeia e refere-se à viagem de Vasco da Gama. Inicia-se a meio do trajeto (narração *in medias res*), já no oceano Índico, e compreende o percurso até à Índia, os acontecimentos que lá se passam, a viagem de regresso, a passagem pela Ilha dos Amores, uma recompensa divina oferecida aos marinheiros, e a chegada a Lisboa. A primeira parte da viagem é contada em retrospectiva (analepse) ao rei de Melinde quando a armada de Gama atraca nesta terra da costa oriental africana. É nela que se enquadra o episódio da partida das naus, em Belém, durante o qual surge a figura do Velho do Restelo, reprovando a iniciativa dos Descobrimentos e argumentando que esta é movida pela ambição e pela cobiça e não pelos altos ideais de expansão do Cristianismo. No relato de Gama também se encaixam o episódio do Adamastor, no qual os marinheiros portugueses enfrentam e vencem o gigante, que representa o cabo das Tormentas, e a descrição do fogo de Santelmo e da tromba marítima.
 - **O plano da História de Portugal:** o relato de momentos importantes do passado português inicia-se no Canto III e vai até ao Canto V. Quando os portugueses atacam em Melinde, Vasco da Gama narra ao rei local a história do reino de Portugal, com início no mítico, Luso, passando por Viriato, pela ação de D. Afonso Henriques, pelos episódios da Batalha do Salado, da morte de Inês de Castro e da Batalha de Aljubarrota e terminando na partida da armada para a Índia. No Canto VIII, Paulo da Gama relata ao Catual factos isolados da história portuguesa, como o episódio de Egas Moniz, a Batalha de Valverde e a conquista de Évora.
 - **O plano da Mitologia:** os deuses pagãos intervêm na viagem de Vasco da Gama, apoiando ou dificultando a empresa: Vénus e Marte são a favor dos portugueses e auxiliam-nos; Baco protagoniza a oposição ao sucesso da viagem. Júpiter é o deus supremo a quem apelam na contenda. De forma simbólica ou pela argumentação, os dois partidos vão-se digladiando ao longo do poema. A ação dos deuses tem consequências na narração. O plano divino funde-se com o da viagem no episódio da Ilha dos Amores, em que os marinheiros têm o prémio e o repouso merecidos depois de tão grandiosa e esforçada proeza. Neste episódio deslumbrante, os nautas portugueses unem-se com as ninfas e Tétis revela a Gama os segredos do universo.



O gigante Adamastor.



Consílio dos deuses.

Os Lusíadas em BD

Em 1984, José Ruy recriou *Os Lusíadas* num álbum de banda desenhada, com ilustrações sóbrias e elegantemente coloridas. O livro reproduz grande parte da epopeia de Camões.



Vinheta da adaptação d'*Os Lusíadas* em banda desenhada, de José Ruy, Âncora Editora.

Há que considerar um outro plano, encaixado na narração. É um plano lírico e não narrativo: trata-se do plano das intervenções do Poeta. Neste, ele tece considerações filosóficas e sociais sobre a condição humana, o estado de Portugal, as motivações materiais e mesquinhas dos portugueses, entre outras. São momentos reflexivos, marcados por uma atitude didática, nos quais se procura tirar ilações para o futuro.

O herói e o conceito de heroísmo

O herói da ação principal d'*Os Lusíadas* é Vasco da Gama. No entanto, o poema celebra os momentos áureos da história de Portugal, em que todos os portugueses participaram direta ou indiretamente. Logo, a este herói individual, Gama, devemos juntar, como herói coletivo do poema, todo o povo português ao longo da sua história. Daí o título ser *Os Lusíadas*, que significa os Portugueses.

O herói da obra não é apenas Vasco da Gama nem os marinheiros que tomaram parte na grande gesta dos Descobrimentos. São eles, mas são também o guerreiro que participou no alargamento do território nacional, o Poeta que compôs admiráveis poemas, o pintor, o homem de ciência e todo aquele que realizou um feito que o projete além da mediania da Humanidade e que dignificou o país. A ideia de herói associa-se à de nação; por isso, Vasco da Gama, Nuno Álvares Pereira, Pedro Nunes, Fernão Lopes ou Gil Eanes cumprem o perfil. A noção de herói corresponde, assim, a um ideal humano, ao ideal da *virtu* humanista: ele é aquele que revela destreza, coragem, nobreza de carácter e elevação espiritual. Herói é também a personalidade que se immortaliza pelos feitos que realizou, pois ficará no panteão da glória das gerações futuras, que não o esquecerão. No plano simbólico, o herói é o ser de excelência que ultrapassa a condição humana, rivaliza com os deuses e termina divinizado no episódio da Ilha dos Amores.

A mitologia n'*Os Lusíadas*

O poema *Os Lusíadas* é uma obra de matriz cristã, que também celebra a propagação do Cristianismo pelas terras descobertas. Para alguns estudiosos, a presença da mitologia pagã, com divindades da época clássica (Júpiter, Vénus, Marte, as ninfas, etc.), na epopeia de Camões poderia gerar alguma incoerência e mesmo um conflito no plano religioso. Tal não acontece, pois nem o Poeta nem as personagens seguem a religião pagã, nem é propósito da obra expandir o seu domínio.

A função da mitologia romana (são os deuses latinos e não os gregos que intervêm na obra) tem um lugar próprio. Explica-se, em primeiro lugar, porque, pretendendo-se seguir no poema o modelo e os princípios dos poemas épicos clássicos, recupera-se a mitologia que desempenhava um papel fundamental nas epopeias de Homero e Virgílio. A referência a estas divindades na obra de Camões deve-se à influência das obras que funcionam como modelo e a sua função é literária e estética.

O papel das divindades não é, contudo, ornamental. Existe um plano narrativo que lhes é consagrado e nele se desenrola uma intriga que segue a par a viagem de Vasco da Gama: Vénus e Marte procuram que os marinheiros lusos cheguem à Índia e Baco tenta impedi-los. Os deuses do Olimpo desempenham, assim, um papel importante no avanço da ação da viagem à Índia. Baco, por exemplo, intervém junto das populações de Quíloa e Mombaça, instigando-as a destruir a armada portuguesa quando ela atracar (Cantos I e II). Em Mombaça, o próprio Baco disfarça-se de sacerdote cristão e fala com dois marinheiros portugueses para os convencer de que seriam ali bem recebidos. Vénus manifesta-se em ambos os episódios, impedindo, com os seus poderes, que os barcos portugueses se aproximem de terra. No Canto VI, as divindades Neptuno e Éolo desencadeiam, a mando de Baco, uma tempestade, que Vénus e as ninfas irão amainar.

O plano da mitologia acaba mesmo por se fundir com o da viagem quando, já no final (Canto IX), Vénus prepara um prémio para os portugueses pelo feito que eles realizaram. Os marinheiros unem-se carnalmente com as ninfas, representando este ato a sua elevação ao plano divino. É esse, pois, outro papel desempenhado pela mitologia clássica: promover simbolicamente os portugueses à condição de deuses.

Valores humanistas e traços medievais n'Os Lusíadas

Camões era um humanista e representa na sua epopeia os valores e ideais do Humanismo. Num primeiro nível, é a cultura humanista que marca presença n'Os Lusíadas, associada ao Classicismo. São de vária ordem os elementos clássicos presentes na epopeia camoniana: as divindades mitológicas, as regras da literatura clássica, o estilo ou ideias filosóficas e científicas da Antiguidade.

Mas a presença das ideias humanistas faz-se sentir a um nível mais profundo. A crença nas capacidades do Homem e o optimismo no progresso da civilização e na construção de um mundo melhor são princípios humanistas que os Descobrimientos vêm fundamentar. Ao revelar novas realidades e desenvolver o saber, as navegações abriram novas possibilidades para uma nova mentalidade e um novo mundo, que ultrapassa o preconceito e as falsas certezas e aclama a verdade, o valor da ciência, do método experimental e o papel do conhecimento no progresso civilizacional. Mais ainda, os novos povos que os europeus conheceram mostraram que o ser humano é múltiplo e as culturas, diversas.

A valorização da Humanidade e o encontro de culturas eram dois princípios do Humanismo, que saiu reforçado numa obra como esta. O ideário deste movimento renascentista está também presente na importância que atribui às letras e às artes. N'Os Lusíadas glorificam-se as letras e as artes que são representadas como uma forma de promover a civilização e de elevar os homens.

A epopeia camoniana está, no entanto, também enformada por valores medievais que entram em choque com as crenças humanistas. O domínio português em África e no Oriente, que Camões exalta, conseguiu-se pelas armas. O espírito de conquista é um conceito medieval retomado na obra. A posição humanista era de condenação veemente da guerra e do conflito entre os povos. Camões canta os feitos das armas e aponta a ação guerreira como uma forma de heroísmo. A sua apologia de valores feudais é visível no facto de alguns dos heróis da epopeia serem nobres que se distinguiram na luta.

Procuraram alguns estudiosos conciliar estas duas posições antagónicas. A conciliação possível, mas talvez insuficiente, encontra-se na fala do Velho do Restelo, que, segundo alguns, representa os ideais humanistas, antibelicistas, portanto. Esta personagem veicula a ideia de que, estando a Cristandade ameaçada pela proximidade dos povos islâmicos, a guerra deveria seguir o espírito de cruzada e unir os cristãos para derrotar o perigo muçulmano. Só assim a guerra podia ser justificada.

Aspetos da linguagem d'Os Lusíadas

As principais particularidades do estilo usado n'Os Lusíadas fundamentam-se nas exigências rígidas do género épico e na intenção do Poeta em insemear o texto com a cultura clássica. No que diz respeito à construção de frase, os desvios à ordem direta dos constituintes são comuns. Os hipérbatos e as anástrofes abundam. São exemplos os versos «Deu sinal a trombeta castelhana / Horrendo, fero, ingente e temeroso» (*a trombeta castelhana deu um sinal horrendo, fero, ingente e temeroso*) ou «Ramos não conhecidos e ervas tinha» (*tinha ramos e ervas não conhecidos*). As alterações sintáticas são uma forma de o Poeta se libertar da rigidez da ordem frásica em português e de, enquanto classicista, experimentar a sintaxe latina, livre na ordenação das palavras na frase. A anástrofe e o hipérbato associam-se a outras figuras de retórica que são abundantemente usadas: a perífrase, a metáfora e a metonímia.

Além de construírem diferentes significados, estes recursos literários contribuem para fazer do estilo da epopeia um estilo retórico e elevado, como era exigido pelas regras do género. A sua utilização preterea o recurso a termos familiares em favor de formulações mais cultas: por exemplo, em lugar de *a Lua*, diz-se «o Planeta que no céu primeiro habita». Para se evitar o termo corrente opta-se também por um vocabulário culto; os latinismos (palavras de origem latina) eruditos são disso exemplo, o que constitui um recurso estilístico expressivo e um contributo de Camões para enriquecer a língua portuguesa.

PARA SABER MAIS

Epopeias da Idade Moderna

Se a Antiguidade Clássica nos deixou epopeias como *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, e *Eneida*, de Virgílio, a Idade Moderna produziu os seus poemas épicos. Além d'Os Lusíadas, merecem referência *Orlando enamorado* (fim do século xv), de Boiardo, *Orlando furioso* (1532), de Ariosto, *Jerusalém libertada* (1575), de Tasso, e *Paraíso perdido* (1667), de John Milton. Em Portugal, Gabriel Pereira de Castro fez publicar a epopeia *Ulisseia ou Lisboa edificada*, em 1636.



Ilustração do episódio da partida das naus.